

# O transe de Glauber não aconteceu no Gramado

*Roberto Munhoz*

*Aluno do Curso de Especialização em Produção Cinematográfica da FAMECOS/PUCRS.*

**G**lauber nunca apareceu em Gramado. Mas o que influiria a sua presença física no festival? Em termos promocionais e comerciais certamente, mas ele não precisaria aparecer em carne e osso para suas obras penetrarem na alma do espectador gaúcho. O Festival de Gramado não havia nem nascido quando Glauber Rocha atingiu seu ápice artístico.

*Terra em Transe*, produção de 1967, conta a história de um artista e intelectual (Paulo Martins-Jardel Filho) dividido entre a arte e o poder. O poder é representado

por duas forças antagônicas: o político de direita (Porfírio Díaz-Paulo Autran), reacionário, e o político de esquerda (Felipe Vieira-José Lewgoy), populista. Para complementar estas duas forças há o empresário (Júlio Fuentes-Paulo Gracindo) corrupto, que navega entre ambas as forças. Resumidamente é apresentada nesta obra a história da política latino-americana: governos populistas, regimes ditatoriais e intelectuais distantes dos interesses do povo e este, alienado e conformado com sua própria condição.

Entre os políticos rivais há uma diferença. Díaz vive isolado em seu palácio barroco e mítico, mantém uma relação abstrata com um grupo ausente - a EXPLINT, empresa multinacional que representa os interesses estrangeiros e que apóia este político. Vieira, o político

populista sempre entra em contato direto com o povo. Apesar deste contato, nota-se uma indisposição e até desconforto em certos momentos na sua relação direta com a *massa*. Suas verdadeiras intenções vêm à tona quando, pressionado pelo capitão e a equipe de assessores perante uma revolta popular, Vieira, sem hesitar, opta pela repressão policial. Ambos, cada um ao seu estilo, tencionam unicamente o poder e se utilizam do maniqueísta *esquerda x direita* apenas para fins eleitoreiros.

Os políticos comprovam a inocuidade da pretensão de estabelecer algum juízo de valor aos termos *esquerda e direita*. Quando surge a chance do operário, do líder sindical falar, ele hesita, evidenciando a sua incapacidade intelectual ante os problemas da nação. Aparece, então, o homem do povo (Flávio Migliaccio) que expõe a sua condição: desempregado, sete filhos e sem casa para morar. O próprio povo repugna a sua declaração, taxando-lhe de extremista e comunista. Ou seja, a massa gosta e se excita mesmo é com um pulha como líder. Será que Nelson Rodrigues estava errado quando dizia que todo líder é um canalha?<sup>1</sup>

Todos os personagens principais do filme estão numa posição de dúvida, entre duas alternativas. Paulo oscila entre a poesia e a política Sara, o grande amor do poeta, apesar de já ter feito a sua escolha, reflete sobre a sua necessidade feminina e a condição de seu tempo, o ideal revolucionário político. O empresário Júlio Fuentes hesita entre o ideal nacionalista de traduzir cultura para o povo e a necessidade de patrocínio para manter seu veículo de comunicação. Vieira, o político populista, fica indeciso entre as bases eleitorais e os compromissos.

Existe apenas uma exceção: o único personagem resolutivo, convicto, que não se perde em devaneios é D. Porfírio Diaz. É o homem messiânico, o homem que afirma ter encontrado Deus. A primeira aparição de Diaz no filme é num desfile em carro aberto pela cidade, segurando um crucifixo e uma bandeira negra. É o grande pai, o patriarca e paternalista, representando a morte, em oposição ao mar - a primeira imagem do filme - o símbolo feminino, o útero materno, a vida, a purificação da alma através da água. Nas alegorias do descobrimento do Brasil e da primeira missa ocorridas na praia, Diaz está cercado do conquistador português, do padre e do

índio. Ele bebe num cálice o sangue de Cristo ao som de música africana. Ou seja, D. Porfírio é um personagem mítico que está entranhado na cultura brasileira, se não na cultura universal. É o líder, o homem coroado, que as *massas* tanto anseiam, é o político por excelência que trai e faz conchavos de acordo com as necessidades do momento.

Diaz foi o “deus” na juventude de Paulo. A inclusão do poeta em um partido extremista, quando jovem, deixou-lhe marcas profundas. Paulo Martins não se desgarrou da juventude, fase transitória que serve como uma espécie de preparação para a vida adulta. Ele precisa do líder, da mesma forma que uma criança quando deseja dormir no quarto dos pais, com medo dos pesadelos. E com esta mentalidade Paulo falha, não porque decide, entre a poesia e a política, equivocadamente. Ele falha quando tenta fundir Arte e Poder, que na raiz são antagonicos e irreconciliáveis.

A própria Sara alerta-o sobre os perigos que esta ilusão acarreta: “*Você não entende ... um homem não pode se dividir assim ... A política e a poesia são demais para um só homem.*” A morte de Paulo no final, em contrapartida ao coroamento de D. Porfírio Diaz, não representa, como ele mesmo diz, “*o triunfo da beleza e da justiça*”, muito menos um fracasso social, mas sim uma derrota interna, individual.<sup>2</sup>

Glauber, com este filme, alcança patamares mais elevados da condição humana. A universalidade do tema é seu mérito, onde o homem alcança o Divino via obra de arte. O cinema, assim, transcende seu aspecto puramente comercial - de entretenimento das massas - para enfatizar necessidades mais profundas e básicas do ser humano, como a busca e o encontro com a sua alma.

## Notas

- 1 Vide a crônica do autor “Assim é um líder” do livro *O Óbvio Ululante - Primeiras Confissões*, São Paulo, Companhia das Letras, 1993.
- 2 O líder nunca fará o que o indivíduo precisa. Ele defende o cidadão e exalta o Estado, até por motivo de sobrevivência!